

**ESPAÇO E IDENTIDADE
EM “INVENTÁRIO DE IMÓVEIS E JACENTES”,
DE LUÍS BERNARDO HONWANA**

Fabiana de Paula Lessa Oliveira (UFRJ)
fabiana-lessa@ig.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto “Inventário de imóveis e jacentes”, que compõe a coletânea *Nós matamos o Cão-Tininho* (1964, 1 ed.), do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana. Nascido em Maputo, no ano de 1942, participou ativamente da luta pela libertação de seu país, como militante da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO). Devido às suas atividades políticas, foi preso em 1964 e ficou encarcerado por três anos. Escreve sua única obra nesse contexto histórico-social. No conto em questão, é retratada, de modo realista e objetivo, a vida de uma família. A narrativa estrutura-se pelo processo de enumeração de objetos que a cercam, construindo um arrolamento, um inventário. Com o foco no espaço interno – a casa –, espaço de intimidade, que possibilita também pensar o país, a partir do olhar de dentro, e a configuração das identidades. Como fundamentação teórica, utilizam-se os textos de Bachelard (1981); Hamilton (1984); Hall (2001).

Palavras-chave: Espaço. Identidade. Moçambique. Honwana.

“... a casa é nosso canto do mundo”
(Bachelard, 1982, p. 22)

1. Honwana e seu tempo

Luís Bernardo Honwana nasceu em 1942, na cidade de Lourenço Marques (atualmente Maputo), Moçambique. Cresceu em Moamba, uma pequena cidade do interior, onde seu pai bilíngue – ronga e português – trabalhava como intérprete. Retornou à capital, aos 17 anos, para completar os estudos. Formou-se em jornalismo. Participou de atividades jornalísticas, culturais e políticas, o que lhe proporcionou o contato com o meio intelectual da época dominado por europeus. Segundo Russel Hamilton (1984, p. 45), “Malangatana, Craveirinha e Honwana eram, provavelmente os ‘africanos’ mais destacados no amorfo ambiente cultural e intelectual daquela cidade europeizada”.

Em 1964, tornou-se militante da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), criada há dois anos, sob liderança de Eduardo Mondlane, que tenta evitar o confronto armado com o Colonizador. Mas dian-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

te da recusa de Portugal em conceder a independência, inicia-se a guerra pela libertação de Moçambique que durou cerca de dez anos (1964-1974).

Em razão de suas atividades políticas, Honwana foi preso por três anos, de 1964 a 1967, junto com o poeta José Craveirinha (1922-2003). No mesmo ano em que foi preso, publicou sua única obra *Nós Matamos o Cão-Tinroso* (1964), em que fez um retrato diversificado e abrangente da sociedade colonial dividida predominantemente em dois polos: colonizador/branco e colonizados/negros, mas integrada por árabes e indianos que também compõem o corpo social moçambicano. E, por fim, desvendou a dinâmica dessas relações quase sempre conflituosas.

A metrópole portuguesa, não tendo mais essa fonte de renda [tráfico negro], decidiu, então, se voltar para a efetiva colonização das suas possessões africanas, entre as quais Moçambique. Entretanto, para que a colonização pudesse obter êxito, duas ideologias precisavam ser assimiladas pelos moçambicanos. Uma delas era a de que os portugueses eram superiores a eles tanto cultural, como racialmente e, por isso, mereciam ser respeitados e admirados. A outra consistia em fazer crer que os árabes não eram boas pessoas, merecendo, assim, o desprezo. Os portugueses sempre discriminaram os árabes (que dominaram o comércio moçambicano antes deles), a quem chamavam de “mouros negros”. O domínio português passou aos colonizados um preconceito, silenciando as marcas orientais presentes na cultura daquele país. (SECCO, 2002, p. 22)

Vale mencionar que a coletânea de contos *Nós Matamos o Cão-Tinroso* foi traduzida para a língua inglesa, e publicada com o título *We Killed Mangy Dog & Other Mozambique Stories*, em 1969, “veio a ser a primeira obra de ficção da África lusófona a ser incluída na coleção ‘African Writers Series’ e largamente divulgada no exterior”. (HAMILTON, 1984, p. 46)

Através das narrativas curtas, vão sendo denunciadas questões sociais, como: a desigualdade, o preconceito e a violência a que os africanos eram submetidos. Em meio às denúncias, percebe-se um processo de conscientização por algumas vozes que se levantam. Segundo Pires Laranjeira, a obra “estabeleceu um novo paradigma para a narrativa moçambicana” (LARANJEIRA, 1995, p. 290), leva a reflexão sobre uma época decisiva da história de Moçambique.

Na época em que *Nós Matamos o Cão-Tinroso* foi lançado e divulgado, era uma obra “subversiva” que conseguira superar a barreira cultural e social. Com a independência, *Nós Matamos o Cão-Tinroso* ganhou o *status* de uma obra nacional, e, por conseguinte uma obra padrão da literatura moçambicana. (HAMILTON, 1984, p. 50)

Afastando-se das atividades literárias, após a independência, Honwana tornou-se alto funcionário do governo e presidente da Organização Nacional de Jornalistas de Moçambique. Desempenhou também as funções de diretor do gabinete do Presidente Samora Machel e foi Secretário de Estado da Cultura.

2. Breve história de Moçambique

Faz-se necessária, inicialmente, uma breve contextualização histórica, tendo em vista que história e ficção dialogam no conto em estudo. A região do atual Moçambique é habitada desde pelo menos os séculos III ou IV d.C., quando os povos bantos chegaram e se fixaram, e o contato com outras civilizações remonta à presença árabe, por volta dos séculos VII e VIII da Era Cristã. Vasco da Gama, navegador português, chega a essa porção da costa oriental africana em 1498. O Império Português toma posse da terra no século XVI, e seu domínio se estende por quase 500 anos. Mas é, no século XX, sob governo fascista de Salazar que Portugal endurece suas relações com as colônias africanas abolindo a liberdade de expressão e impondo forte censura.

Em 1951, Moçambique torna-se uma Província Portuguesa do Ultramar. O movimento nacionalista surge na década de 1950 e a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) é fundada em 1962, sob liderança de Eduardo Mondlane, e contou com apoio da extinta União Soviética, de Cuba e da China. A recusa de Portugal em conceder a independência às colônias africanas estimula os movimentos guerrilheiros de libertação. A FRELIMO inicia guerra contra os portugueses em 25 de setembro de 1964. Assassinado em 1969, Mondlane é sucedido por Samora Machel. Moçambique conquista a independência em 25 de junho de 1975, sob governo marxista da FRELIMO, chefiado por Machel. Meio milhão de moçambicanos brancos deixam o país, que se ressentiu da falta de mão de obra qualificada. José Luís Cabaço justifica a opção da FRELIMO pela via socialista:

Foram, contudo, as desigualdades sociais, a violência, os abusos, a iniquidade na distribuição de renda e benefícios e a exploração do sistema colonial que, criando um sentimento de revolta e uma sede de justiça, constituíram os fatores decisivos na opção dos guerrilheiros. A prática da luta armada implicava um profundo envolvimento com os camponeses, uma íntima relação do pensamento nacionalista com a vida do povo, a consciência da sua miséria, mas também da sua criatividade e das suas capacidades de sobrevivência perante situações tão difíceis. (CABAÇO, 2009, p. 314).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Entra em cena, na década de 1970, a guerrilha da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), grupo anticomunista apoiado pelo governo da África do Sul. Nos anos 1980, a seca e a guerra civil provocam fome em larga escala. Machel morre em 1986, em um acidente aéreo, e é sucedido por Joaquim Alberto Chissano, que reintroduz a propriedade privada da terra.

Na década de 1990, a FRELIMO abandona a referência ao socialismo, institui a economia de mercado, legaliza os partidos e abre negociações com a RENAMO. As duas partes assinam acordo de paz em 1992, em Roma. Ao fim da guerra, a miséria é generalizada pelo país, muitas minas terrestres espalhadas pelo território, em áreas de plantio, fontes de água, praias e rodovias que obstruem a reconstrução econômica.

3. *Espaço e identidade em “Inventário de Imóveis e Jacentes”*

Partindo da leitura do título do conto, que já inquieta o leitor, por ser um termo mais comum à esfera jurídica. O conceito mais usual para o vocábulo “inventário” vem do direito das sucessões que é a “descrição detalhada do patrimônio de uma pessoa falecida, para que se possa proceder à partilha dos bens” (HOUAISS, 2001, p. 1643). Sendo assim, é o primeiro que vem à mente, e a partir daí se começa a tecer o texto. Mas, nas primeiras linhas, percebe-se que não está relacionado com esse sentido. E a busca agora é por outros.

Segundo o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, concebe-se “inventário”, dentre outras acepções, como sendo “levantamento minucioso dos elementos de um todo, rol, lista, relação”; “qualquer descrição detalhada, minuciosa de algo” (HOUAISS, 2001, p. 1643). Esses significados atribuídos à palavra contribuem para a construção do sentido do conto, tendo em vista que o narrador-personagem, de seu quarto, irá descrever o ambiente em que ele e sua família vivem. Assim como a narrativa se passa no espaço interno da casa, também percorre o interior da personagem. “Ele nos conta uma história por ele vivida (...). É através de seus olhos e de seus sentimentos que são apresentados os elementos constitutivos da narrativa: os fatos, as outras personagens, os temas e os motivos, as categorias do tempo e do espaço”. (D’ONOFRIO, 2002, p. 62)

Inicia-se o conto com o narrador apresentando o espaço fechado, certa forma de aprisionamento, e o tempo – à noite, como o período obscuro, opressor em que vivem:

As portas e as janelas fechadas. O Papá não gosta de dormir com as portas e janelas abertas não sei por quê. Pode-se pensar que é por causa da doença, mas eu acho que ele sempre foi assim. Ele agora dorme no nosso quarto porque os médicos, quando lhe deram alta, recomendaram-lhe que dormisse numa cama dura, o que se improvisou no nosso quarto, já que não convinha mexer na cama do casal, no quarto dele. (HONWANA, 1980, p. 36)

É inevitável não estabelecer um diálogo entre a literatura e a história, especialmente, devido às circunstâncias em que os contos foram escritos. Além do próprio momento histórico que propiciou um estreitamento das relações entre as artes e a política, tendo em vista que foram utilizadas como meio de denúncia social. Sendo assim, o escritor traz esse contexto para as discussões, visando sobretudo à conscientização.

Corroborando a discussão, Stuart Hall afirma:

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos, sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. (HALL, 2006, p. 50)

Observa-se, na abertura do conto, o foco para o interior da casa, espaço a que se propõe a ler. Mas não se pode deixar de destacar “as portas” e “as janelas” fechadas, objetos que traçam as fronteiras entre os mundos externo e interno. E as portas por estarem fechadas pode ser um convite a atravessá-las, após séculos de cerceamento da liberdade. Como observam Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 734-735),

A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre um mistério. Mas ela tem o valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além...

Por sua vez, Bachelar assinala que “a porta é todo um cosmos do Entreaberto. Isto é (...) a origem de um devaneio onde se acumulam os desejos e tentações, a tentação de abrir o ser em seu âmago” (BACHELAR, 1981, p. 164). É um pouco isto que o narrador faz: desabafa, ultrapassa a porta de seu mundo interior e reflete sobre o que vê.

O mundo narrado fecha-se para o exterior, e abre-se para o interior, pode-se ler como o processo de conscientização, que emerge de den-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

tro para fora, é a busca pelo despertar das consciências em plena Guerra de Libertação. E é justamente através do olhar de uma criança que vamos lendo o mundo, não de maneira inocente, como geralmente é vista, mas sim crítica dentro do universo que a oprime.

É inegável a valorização da palavra oral para a cultura africana. No conto, apesar de escrito, coloca o leitor diante de um contador de história. É dada ao menino a voz que mesmo sem compreender a complexidade do mundo dos adultos, com seu olhar atento, capta a opressão, o silenciamento, a precariedade de recursos, como se observa:

O ar está pesado neste quarto, porque além de estar tudo fechado, dormem aqui, incluindo-me, 5 pessoas. Às vezes somos 6 e isso dá-se mais frequentemente, porque a cama agora ocupada pelo Papá é normalmente ocupada pela Tina e pela Gita, que agora dormem com a Mamã no outro quarto. (HONWANA, 1980, p. 36)

Além da sensação de prisão, sufocamento; percebe-se a difícil vida que levam, constata-se o baixo nível econômico da família, devido ao desconforto da casa que pode ser uma metáfora do país ainda colônia de Portugal. Observa-se também a coisificação dos seres humanos, são contados, como os objetos, as divisões da casa. Não se pode esquecer de que os negros foram considerados “coisas” passíveis de serem comercializadas por longos séculos.

Descreve a casa enquanto todos dormem: além dos dois quartos, a casa tem mais duas divisões: a sala de visitas e a sala de jantar.

Além do quarto em que estamos e do outro em que está a Mamã, a nossa casa tem mais duas divisões: a sala de visitas e a sala de jantar. Esta última tem as paredes enegrecidas pelo fumo, porque dantes a Mamã tinha ali um fogão no canto. É ocupada por 1 mesa já despolida e sem estílo, rodeada por 7 cadeiras, uma de cada espécie, um armário em que alguém escreveu “Elvis”, e vários sacos de canto, atrás da porta. (HONWANA, 1980, p. 37)

É interessante ressaltar a configuração do mundo pós Segunda Guerra Mundial dividido em dois blocos: Capitalistas e Socialistas que vão interferir na ordem mundial. Inicialmente, a luta dos países africanos foi contra o colonizador, mais tarde as forças de Estados Unidos (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) começaram a intervir visando estender suas áreas de influência, apoiando os processos de emancipação, e fornecendo armas e recursos financeiros aos grupos insurgentes. Percebe-se a presença norte-americana no mundo que, de certa forma, visa influenciar as gerações, como se vê na inscrição no armário “Elvis”.

No começo do século XX, o poder industrial estendeu-se por todo o globo terrestre. A colonização da África e a dominação da Ásia chegam a seu auge. Eis que começa nas feiras de amostras e máquinas de níqueis a segunda industrialização: a que se processa nas imagens e nos sonhos. A segunda colonização, não mais horizontal, mas desta vez vertical, penetra na grande reserva que é a alma humana. (...)

A segunda industrialização, que passa a ser a industrialização do espírito, e a segunda colonização que passa a dizer respeito à alma progridem no decorrer do século XX. Através delas, opera-se esse progresso ininterrupto da técnica, não mais unicamente voltado à organização exterior, mas penetrando no domínio interior do homem e aí derramando as mercadorias culturais. (MORIN, 1987, p. 13)

Observa-se que o fogão ficava ao canto da sala de jantar. Para Bachelar (1981, p. 108), “todo canto de uma casa, todo ângulo de um aposento, todo espaço reduzido onde gostamos de nos esconder, de confabular conosco mesmos é, para a imaginação, uma solidão (...)”. A mulher ocupava essa parte da casa que pode ser vista como um refúgio, mas também que assegura ao ser um valor estático. De certa forma, “imóvel” também estava a sociedade moçambicana há séculos subjugada. Vale mencionar que o fogão saíra da sala, e tinha ido para o quintal.

Acho que a Mamã tirou o fogão da sala de jantar por causa do fumo, embora as paredes já estejam já escuras. Talvez fosse porque as paredes do corredor e dos quartos começassem a enegrecer também. Agora a Mamã cozinha numa palhota que se construiu a um canto no quintal. Apesar de ter mudado para lá há pouco tempo, a palhota está quase negra, tanto por dentro como por fora. (HONWANA, 1980, p. 37)

Pelo que se vê, as paredes da casa estavam enegrecidas, sendo assim foi preciso deslocar-se, ultrapassou o espaço interno, foi para uma palhota no canto do quintal, num local sem portas, de livre trânsito. Como se o aprisionamento chegasse ao limite, que alguma atitude precisava ser tomada apesar de pequena. Mover-se era necessário.

A colonização portuguesa não se sustentava mais nem pelo discurso, nem pela força, a partir da segunda metade do século XX. Os movimentos nacionalistas ganhavam mais adeptos, as ideias em prol das independências propagavam-se nas sociedades africanas, além das de valorização do negro e de sua cultura, como forma de afirmar sua identidade, silenciada pelos colonizadores. Mas os portugueses não aceitavam perder tais possessões. A questão estava para além da política, envolvia a imagem construída de Portugal como “grande império” que estava prestes a ruir. Era mais uma questão de identidade a ser repensada, como afirma Tomaz Tadeu da Silva (2013, p. 96-97):

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder.

Retomando a descrição:

Entre a porta que dá para a casa de banho e a que dá para este quarto, encostada à parede do Corredor, há uma estante com 5 prateleiras todas cheias de livros. Tem a cobri-la uma cortina feia de um pano idêntico ao do das cortinas da sala de visitas. As cortinas do quarto da Mamã são também do mesmo pano. Só neste quarto é que as cortinas são diferentes. São dum pano grosso e amarelado. A Tina diz que o pano é feio, mas quando o Papá esteve preso tirou 2 cortinas e com elas fez uma saia que não era parecida com nenhuma saia que eu me lembrava ter visto. Eu acho que era feia. (HONWANA, 1981, p. 38)

É evidente a censura, a repressão, os livros estão cobertos. A prisão do pai também aponta para um membro do movimento de libertação, intelectual e revolucionário. Destaca-se o papel da cultura na formação da consciência política. Vale lembrar que os intelectuais tiveram um papel importante na luta pela independência em Moçambique, muitos da classe média estudaram na Europa, e lá em contato com outros africanos organizaram-se para lutar pela independência.

Debaixo desta cama está guardado o meu material de desenho e pintura, contido em dois caixotes de madeira. Há ainda mais três caixotes com livros. Debaixo da cama em que está o Papá há mais caixotes com livros. As revistas estão distribuídas pelas 4 mesinhas de cabeceira dos dois quartos. As mais apresentáveis estão na sala de visitas, sobre a mesa de centro, sobre o aparador, sobre a máquina de costura e na mesinha do rádio. Se agora quisesse ler uma revista, ia direitinho à mesa do centro, porque lá que estão as “Lifes”, as “Times” e as “Cruzeiros” mais recentes. (...) Na mesa do centro também está o “Readers”, mas talvez nem lhe tocasse porque parece que não é grande coisa. O Papá diz que é uma porcaria. Bem, mas para ele todas as revistas que a Mamã costuma pôr na sala de visitas são uma porcaria. É por isso que não tenho tanta vontade assim de sair da cama, embora não tenha sono nenhum. (HONWANA, 1980, p. 39).

4. Conclusões

As vidas presentes marcadas pela escassez de bens materiais, de alimentos, de roupas; mas cercados de cultura. Como se vê, há livros nas estantes, embora encobertos por cortinas, dentro dos caixotes, “guardados” debaixo da cama; devido à forte censura da época. Por outro lado, as revistas estrangeiras, como: “Life”, “Times” e “Cruzeiros”, ficavam na

sala de visitas, na mesinha de centro, área de livre circulação. É interessante observar os objetos nos espaços destinados a eles: os livros, nos quartos, espaço privado/íntimo; e as revistas, na sala de visitas, espaço mais público.

Diante disso, observa-se a influência do pai nas escolhas do filho, tanto é que prefere ficar na cama, mesmo sem sono, a ir buscar uma revista para ler. Destaca-se a cultura do pai que, embora tenha o hábito de ler, classifica como “porcaria” as revistas estrangeiras, meios de cultura de massa, típica do mundo industrializado, que visa ditar regras de comportamento, para que se possa vender cada vez mais ideias e produtos. Por outro lado, a distribuição das revistas pela casa é uma forma de protegerem-se da repressão, deixando visível o que fosse conveniente.

Apesar de o narrador estar acordado, enquanto os outros dormem, descrevendo o mundo que o cerca, apontando para o despertar da consciência de que é preciso refletir sobre o estado das coisas para modificá-lo. Mas eis que ele mesmo encontra-se imóvel. Observa-se a sutil ironia no discurso para levar o sujeito a pensar o que ele tem feito. Portanto, o aspecto de inventário constitui-se pela enumeração de objetos e de pessoas a tal ponto oprimidas que se encontram entre as coisas. Mas precisa continuar assim?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gastão. *A poética do espaço*. Trad.: Antônio da Costa Leal e Lúcia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado, 1981.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: UNESP, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad.: Vera da Costa e Silva et al. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto: prolegômenos e teoria narrativa*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002, vol. 1.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

HAMILTON, Russell. *Literatura africana, literatura necessária*. Lisboa: Edições 70, 1984, 2 vol.

HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o Cão-Tinhoso*. São Paulo: Ática, 1980.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Trad.: Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *Apostila de poesia das cinco literaturas africanas de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 73-102.